

# INTER-LEGERE

---

A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO:  
UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL  
Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

**A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO:  
UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL**

**EPISTEMOLOGY OF “BARRACO”:  
A BRIEF HISTORY OF THE LGBTI MOVEMENT IN GENERAL**

Leilane Assunção da Silva<sup>1</sup>  
Emilly Mel Fernandes de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

As pessoas trans, em especial as travestis e transexuais, são sempre taxadas de “barraqueiras”. Depois de tantas violações, o “barraco” se tornou uma ferramenta em sua luta cotidiana por direitos considerados básicos. Este trabalho discorre sobre o surgimento do Movimento LGBTI em geral, pensando aspectos do Brasil, mas, também, do contexto internacional. Apesar de no Brasil esse movimento ter começado com gays cisgêneros, internacionalmente ele começou com duas travestis, e foram elas que tiveram o pioneirismo de organizar as primeiras paradas LGBTI, que se tornaram referência para o mundo. Ainda neste trabalho se discute o descolamento do movimento “T”, em relação ao LGBTI, que passou a pôr suas questões em evidência e a lutar, muitas vezes via “barraco”, por direitos básicos de existência.

**Palavras-chave:** Barraco. Pessoas trans. História. Movimento LGBTI.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN) e Doutora em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN).

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGSI/UFRN).

# INTER-LEGERE

---

## A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

### ABSTRACT

Trans people, especially transvestites and transsexuals, are always called “barraqueiras”. After so many violations, the “barraco”, a pejorative Portuguese term that means “to make a scene”, has become a tool in the daily struggles for basic rights. This paper discusses the emergence of the LGBTI Movement in general, reflecting on Brazilian, but also international, aspects. Although in Brazil this movement has started with cisgender gay men, internationally it started with two transvestites, and it was them who pioneered the organization of the first LGBTI pride parade that became references to the world. This paper also discusses the detachment of the “T” movement, in relation to the LGBTI, which started to emphasize its questions and to fight, often via “barraco”, for basic rights of existence.

**Keywords:** Barraco. Trans people. History. Movement LGBTI.

Espalhafatosa, espaçosa, barulhenta, fala muito alto, é muito grandona, não é delicada o suficiente para ser mulher, barraqueira, escandalosa, não se contém. Essas são algumas frases e alguns adjetivos comumente utilizados para se referir às mulheres trans, sejam transexuais, sejam, especialmente, travestis. Como mulheres trans temos em nossas biografias sem dúvida as memórias doloridas de já termos ouvido algumas dessas expressões ou mesmo todas elas em algum momento de nossas trajetórias. Sempre achamos revoltante tal caracterização, porque na imensa maioria das vezes que uma trans é acusada de ser barraqueira ela está fazendo nada mais nada menos que defendendo seus direitos de cidadã e de ser humano. É incrível, passamos por nove entre dez situações de xingamento, agressão etc., mas quando na “décima vez” decidimos agir, replicar ou até mesmo revidar, somos logo tachadas de barraqueiras.

# INTER-LEGERE

---

## A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

E somos mesmo, sabe por quê? Esta é uma ideia que este artigo pretende seguir: por que ressignificamos a ideia de barraco na perspectiva queer, afinal, aprendemos que muitas vezes só conseguimos alguma coisa, como respeito, atendimento, visibilidade e tudo o mais, através de um não desejado, mas inevitável, barraco. Trata-se de compreender de que maneira as trans se apropriaram de um estereótipo negativo, o de barraqueira, para transformar em algo que as ajuda a superar as agruras do cotidiano, algo que é utilizado quando todo o mais falta, um barraco que faça que a “justiça” seja feita. Inauguramos, portanto, neste artigo, inspiradas na ideia de Eve Sedgwick (2007), o que chamaremos de “epistemologia do barraco”, como um paradigma para compreender o fenômeno da visibilidade trans.

Para falarmos de questões de pessoas trans<sup>3</sup>, é importante saber que houve uma história anterior ao movimento de transexuais e travestis que foi marcada inicialmente por pessoas homossexuais, homens gays cisgêneros em sua maioria, e então, para podermos afunilar até a questão trans, é necessário ir ao cerne do movimento e ver seus desdobramentos para podermos, assim, chegar às questões atuais.

Pensar a trajetória do movimento LGBTI<sup>4</sup> no Brasil (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexos) é se referir a um período relativamente curto, porém com uma trajetória marcada por resistência e luta. Um movimento que começa tímido, no final da década de 1970, logo se tornará expressivo fazendo que nosso país seja um dos que mais tenha Paradas do Orgulho LGBTI do mundo e onde também esse movimento tem realizado as maiores manifestações públicas de massa no país. (SIMÕES, 2010). Se faz necessário lembrar que as questões que englobam os sujeitos

---

<sup>3</sup>*Pessoa trans* é a forma popular como são conhecidas as travestis e os/as transexuais, que são tratadas/os, coletivamente, como parte do grupo que alguns chamam de “transgênero”(JESUS, 2012).

<sup>4</sup>Apesar de sabermos que a sigla contém mais letras e, por conseguinte, denominações, adotá-la-emos em sua forma mais corriqueira que é a apresentada em questão, porém isso também revela que a denominação atual, até mesmo pelo percurso recente, está aberta e sujeita a contestações, alterações e até mesmo metamorfoses (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

políticos desse movimento são questões de *gênero e sexualidade*(FACCHINI, 2011) visto a pluralidade de pessoas e letras que o compõe.

Aqui se esboçará essa trajetória mostrando as “fases” que o movimento teve, claro que não se colocará toda a história – até porque essa é uma tarefa impossível para um artigo científico no formato que ora fazemos –, mas mostrará suas nuances desde o início até agora, pensando em como esse movimento mudou ao longo do tempo. Busca-se então “oferecer uma reflexão introdutória sobre o significado do processo de politização das identidades sexuais e de gênero ocorrido entre nós nas últimas décadas” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p.11), indo de um movimento que era predominante homossexual até chegar às letras LGBTI atualmente. Não se pode perder de vista também que discorrer sobre esse movimento é entrar em uma temática que, ao mesmo tempo em que é marcada pelo espaço de diálogo, é também marcada por tensões e conflitos conceituais, políticos e até mesmo identitários (TERTO; SOUZA, 2015).

Antes mesmo de se estruturar um movimento internacional de resistência, houve em 28 de junho de 1969 em Nova Iorque nos Estados Unidos uma revolta que ficaria conhecida como “A revolta de Stonewall Inn”, nome do bar onde aconteceu toda a revolução e o ato de resistência, bar inclusive que era frequentado majoritariamente por LGBTI. Naquela época, as pessoas LGBTI viviam sendo presas e violentadas pela polícia aonde quer que fossem. Guardas se fantasiavam à paisana para justamente adentrar os locais LGBTI e prendê-los, visto que as pessoas desse grupo muitas vezes eram expulsas de casa e, como as portas de trabalho se cerravam, elas tinham que recorrer ao tráfico de drogas e à prostituição para darem conta de demandas básicas de subsistência (MOIRA, 2017).

Porém, cansados só de serem violentados e apanharem, resolveram não mais abaixar a cabeça e então se rebelaram, uma vez que esse bar vivia sendo alvo de perseguição e ações truculentas da polícia. Um ano depois, em

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

1970, o ato de se rebelar desencadeou a primeira parada do Orgulho LGBTI do mundo, que foi realizada em primeiro de julho do mesmo ano, e depois influenciou as atuais paradas LGBTI que hoje ocorrem no Ocidente afora, inclusive, no Brasil (QUEIROZ, 2013). A revolta de Stonewall Inn se tornou desde então o marco para a resistência LGBTI, e o dia 28 de junho passou a ser o dia internacional de combate à LGBTfobia, o que teria repercussão no mundo todo. Apesar de esse dia e do evento serem considerados marcos para a história do movimento internacional, houve, em alguns países, movimentos de homossexuais anteriores a essa data como: a criação do Center for Culture and Recreation (COC) na cidade de Amsterdã em 1940, o Mattachine Society e o Daughters of Bilitis que emergiram no decênio dos anos 1950 nos Estados Unidos (FACCHINI, 2011).

Cabe ressaltar que, até por um caráter mais didático, as fases período do movimento homossexual no Brasil e, posteriormente, LGBTI, foram separadas em algumas “ondas/tendências”, as quais estas estavam também condicionadas aos contextos políticos sociais de cada época (SIMÕES; FACCHINI, 2009; FACCHINI, 2011) e aqui será discorrido sobre elas brevemente, explicitando cada uma.

No Brasil, é consenso que o movimento se inicia no final dos anos 1970, portanto, em plena ditadura militar, e foi quando emergiram coletivos que eram exclusivamente destinados a militância política, que tinham como componentes pessoas que se declaravam homossexuais e que se voltavam para disseminar uma nova representação e percepção sobre a homossexualidade, visando se contrapor às noções pejorativas vigentes como: algo pecaminoso, falta de vergonha na cara e até mesmo a associação à uma patologia (SIMÕES, 2010).

Um ponto relevante que é dado para essa época, por volta de 1978, é a criação do “Grupo Somos” em São Paulo e, aliado a isso, o lançamento do jornal em formato de tabloide que era denominado de *O Lampião*, este se debruçava em “um enfoque acentuadamente social e político da

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

homossexualidade, assim como outros temas políticos e afins e até então considerados ‘minoritários’, como o feminismo e o movimento negro” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p.13). Então, aqui temos a denominada “primeira onda” – que tinha também como contexto político a questão da ditadura militar (mesmo que em seu final) – a qual, mesmo em um meio pautado pela dura repressão, organizou grupos de mulheres e homens homossexuais, o que foi essencial para o desabrochar do movimento e sua continuidade. Olhando para isso, se nota que, apesar de recente, esse movimento tem quase 40 anos (para ser mais preciso, tem 39 anos) de resistência e persiste até a atualidade, o que denota um caráter de resistência, mas também de que lutas ainda precisam ser travadas.

Já na denominada “segunda onda”, que iria do decênio de 1980 até meados de 1990, o movimento tomaria um contorno destoante que marcaria uma outra forma de atuação. Rodrigues (2011) coloca que é nesse período que o movimento sofreria uma desarticulação, sendo esta propiciada pelo aparecimento da epidemia da AIDS, causando até mesmo um “baque” no movimento. Facchini e França (2009) corroboram a epidemia da Aids como fator de desmobilização dos grupos da época – nos quais vários líderes do movimento tinham se voltado para o combate e para a prevenção da epidemia –, mas acrescentam que o término do jornal *O Lampion*, importante canal de veiculação e comunicação sobre essas questões do movimento na época e também, contraditoriamente, a abertura do regime militar, foram fatores que favoreceram essa desmobilização.

Cabe ressaltar, portanto, que devido à proliferação da Aids “houve, decerto, um deslocamento importante onde a epidemia deu ensejo a uma inusitada aproximação entre os ativistas homossexuais e as autoridades médicas” (SIMÕES, 2010, p.25.). Nesse contexto inclusive, segundo o autor, é quando emerge a primeira ONG-Aids brasileira, chamada então de “Grupo de apoio e prevenção à Aids – GAPA”, em 1985, e também a primeira reação

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

governamental engendrada no programa estadual de São Paulo, tornando-se pioneiro no país.

Entretanto, não era só a luta contra a Aids que mobilizavam os ativistas nessa época. Muitas outras lutas foram travadas em paralelo e até umas conquistas pioneiras aconteceram. Um exemplo desse pioneirismo foi a remoção da homossexualidade do manual de classificação de doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps), isso no ano de 1985, quando a Associação Federal de Medicina corroborou com a decisão, antes, inclusive da própria Organização Mundial da Saúde (OMS). Ainda, o movimento tentou sancionar – na mesma década aliado a Assembleia Constituinte – a proibição da discriminação por orientação sexual, almejando incluí-la na Constituição (SIMÕES, 2010). Tem-se, assim, não só uma luta contra a epidemia, mas também uma ação “mais pragmática, voltada para a garantia dos direitos civis contra a discriminação e violências dirigidas aos homossexuais” (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p. 63).

Devido à forte atuação dos grupos em pressionar o Estado a dar uma resposta à epidemia do HIV/Aids, consolida-se uma parceria com este, na qual não só o próprio movimento se amplificou, mas vários grupos passaram a dirigir projetos de prevenção que eram subsidiados por instâncias estatais de combate à Aids, permitindo ainda que alguns se consolidassem em modelos de Organizações Não Governamentais (ONG). O que se torna curioso é que na onda anterior se nota uma luta por direitos de cidadania LGBT, a qual é englobada somente no decênio de 1990 na chamada “terceira onda” e que entra por via da política de saúde, no caso, a de enfrentamento às DST e a Aids, e não pela criação de conselhos de direitos ou constatação das exigências trazidas pelo movimento (FACCHINI, 2011).

Foi também na “terceira onda” que o movimento deflagrou as novas letras que iriam compô-lo, o que foi permitido por ter ocorrido um maior aparecimento de grupos ativistas e pelo surgimento das conferências nacionais

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

LGBTI patrocinadas pelo governo de esquerda, o qual por 13 anos governou o país corroborando, assim, para que sujeitos de diversas orientações e identidades se somassem ao movimento e, portanto, refizesse-se a sigla, criando-se a atual LGBTI, sendo inclusive na I Conferência Nacional LGBTI de 2007 quando se fez essa modificação, dado que antes o movimento se denominava de GLS<sup>5</sup>. Ressalta-se a esta “onda” também a constituição de grandes grupos regionais e nacionais em torno da temática, além de se intensificar e ratificar as paradas do orgulho LGBTI (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Algo que deve ser lembrando é que “nesse momento em que surgem os primeiros projetos de lei<sup>6</sup> a favor de LGBTIs, começa a se construir publicamente a ideia de LGBTIs como sujeitos de direitos” (FACCHINI, 2011, p.17). Salienta-se que no fim dessa década (TERTO; SOUZA, 2015), no cenário europeu, a corte Europeia de Direitos Humanos, paulatinamente, cedia e garantia direitos a LGBTI. Isso é um dado interessante, visto que de alguma forma o movimento nacional estava exigindo as transformações que estavam acontecendo em outros continentes – mesmo não sendo exatamente as mesmas.

Pensar LGBTI como sujeitos de direitos se torna um importante passo para a construção da cidadania deles, podendo, de alguma forma, buscar garantias de direitos fundamentais. Porém, cabe um adendo aqui, no sentido de que mesmo o governo (não o atual claro, o derrubado), os movimentos regionais e nacionais estarem pleiteando esses direitos a todo vapor, nem sempre isso vai ser possível se não sensibilizarmos a sociedade como um todo

---

<sup>5</sup>À época dos debates, foi considerado um avanço simbólico dentro do movimento, contra a tendência de hegemonização do movimento gay masculino, a alteração da ordem das letras na sigla, o L de Lésbica, portanto, de mulher, vai para frente do G de Gay, de homem, mesmo que gay.

<sup>6</sup> Aqui se diz respeito a alguns projetos de lei referentes àquele decênio como a questão das uniões homoafetivas (que atualmente já foi aprovado pelo judiciário e executivo senão pelo Congresso) e a criminalização da LGBTfobia em suas diversas formas (que ainda não foi aprovada e é tema de muitas discussões). No momento atual, outras pautas surgem e são bem mais específicas, por exemplo, ainda temos a questão da Lei de Identidade de Gênero, PL (5.002/2013, Lei João W. Nery), que também não foi aprovada e que se refere às pessoas Travestis e Transexuais.

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

para que apoiem as políticas e legislações voltadas a LGBTI. Prova disso, é estarmos em 2017 e ainda somos o país que mais mata LGBTI no mundo e muitos direitos fundamentais básicos ainda não foram angariados para este grupo, isso sendo fruto, muitas vezes, de um sistema judiciário composto por candidatos de partidos políticos provenientes dos setores conservadores da sociedade, aliados a uma bancada fundamentalista e religiosa. Portanto, isso faz que a gente reflita e até duvide se o forte conservadorismo expressado pelo legislativo nos últimos anos no Brasil poderá pôr em prática tal proposta (TERTO; SOUZA, 2015).

Esse, então, foi o breve percurso da história do movimento em nosso país, onde suas nuances tiveram cores e formas bem marcadas, e aí fica-se a questão: será que podemos falar em um fim, final do caminho? Não, não podemos! Mesmo tendo as maiores paradas do Orgulho LGBTI do mundo e também amplificado não só a visibilidade, mas o próprio movimento em nosso país, ainda precisa-se de muito mais dias de luta e resistência nas quais todas as letras, identidades, orientações, expressões e denominações tenham seu espaço de existência garantido e onde nenhuma vida a menos será tolerada. *Stonewall Inn* foi, literalmente, só o começo.

Ao refletir sobre tudo que até agora argumentamos, pensamos justamente que toda a história do movimento LGBTI foi também uma história de hegemonia do movimento Gay sobre o Trans, daí toda a crítica interna operada nessa primeira década do século XXI que fez surgir ou fortalecer as entidades que já existiam de ativismo trans. É curioso constatar isso, uma vez que na matriz, na origem do movimento LGBTI enquanto tal (ainda como movimento Gay ou no máximo GLS) estavam justamente duas trans: Marsha P Johnson (1945-1992) e Sylvia Rivera (1951-2002). Duas mulheres trans portadoras de estigmas de raça e classe e que estavam na liderança da famosa revolta de Stonewall de 1969. Fundadoras inclusive da primeira

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

entidade de ativismo trans do mundo: a “Travestis de Rua em Ação Revolucionária” em 1970.

A revolta de Stonewall entrou para a história como marco de matriz do surgimento do que hoje chamamos de movimento LGBTI organizado, claro que muito antes disso LGBTI já lutavam e sofriam, mas foi somente a partir de então que podemos falar em organização sistêmica dos LGBTI para combaterem o preconceito. Antes tínhamos exemplos de casos, mais isolados, como os casos históricos de Oscar Wilde, Allan Turing e Einar-Lilique tiveram em suas próprias biografias pioneiras, o exemplo de seu ativismo e sua resistência.<sup>7</sup>

Portanto, o moderno movimento LGBTI tem na sua origem a pioneira liderança de mulheres trans. O que terá acontecido, para que de lideranças pioneiras as trans tivessem que sair do movimento “G” para fundar seu próprio movimento, o “T”? E um T que não fosse de Transparente, invisível, como costumavam ironizar as trans sobre a situação de inferioridade em que estavam colocadas dentro do clássico Movimento LGBTI.

Parece-nos que mais uma vez temos a epistemologia do barraco agindo, só que paradoxalmente ao que apresentamos, de maneira clássica, negativa, estereotipante. O cada vez mais higienizado, classe média e embranquecido movimento LGBTI não estava e parece ainda não estar preparado para o tipo de atitude queer que o movimento trans assume em seu cotidiano. Parece também, que as reivindicações do movimento trans são mais viscerais, trata-se do direito mesmo de existir, enquanto que para as demais “letras”, parece tratar-se mais de direito a participação política.

---

<sup>7</sup> Oscar Wilde (1854-1900), famoso escritor inglês que chegou a ser preso por sua homossexualidade assumida, talvez umas das primeiras homossexualidades assumidas da história; Allan Turing (1912-1955), o grande matemático e herói de guerra internado até a morte numa clínica de “cura homossexual”; e a conhecida “garota dinamarquesa”, talvez a primeira transexual do mundo contemporâneo, Lili Elbe (1882-1931).

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

Ou seja, ojerizadas entre os próprios “pares”, as outras letrinhas do movimento, devido ao fato de serem muito “barraqueiras” (não tenho conta das vezes que ouvi gays ou lésbicas, dizendo que não dá para fazer movimento com as trans porque elas são muito barraqueiras) restou as trans buscar seu protagonismo original em entidades de ativismo próprio, que se fortalecem cada vez mais à medida que nessa década atual emerge também com muita força o movimento de homens trans.

Como não fazer barraco diante de colegas que praticamente fazem o que em guerras se chama eufemisticamente de “fogo amigo”? Como manter a calma e não fazer um barraco quando seus mais elementares direitos estão sendo revogados? Quando ameaçam chamar a polícia porque você precisa fazer xixi num banheiro público. Tal fato pode ser demonstrado por Cássio Serafim ao refletir sobre algo considerado banal pela maioria, um tormento para nós:

Tentamos problematizar uma experiência que nos parece trivial no cotidiano de todos nós ou, pelo menos, de sua maioria: o uso do banheiro público. Enquanto pode parecer-nos trivial, para outros indivíduos pode tornar-se excepcional, inusitada e até constrangedora, como acontece com travestis, que são coagidas a dar respostas acerca de sua identidade sexual e de gênero constantemente. Dizemos isso, porque foi o que ocorreu com uma travesti num supermercado de Natal. Quando ia passar pela porta sobre a qual havia uma placa com a expressão Banheiro feminino, um segurança abordou-a, tentando impedi-la de entrar, sob o argumento de que aquele banheiro era para mulheres. Ela disse que aquele era o feminino e que na placa não estava grafado banheiro de ou para mulheres. Como se considerava feminina, julgava correto e oportuno o uso daquele. (SERAFIM; SILVA, 2006, p.1)

O dispositivo da heterossexualidade normativa<sup>8</sup> (homem cis – mulher cis) opera na sua plenitude na narrativa acima, quando o segurança nega à

---

<sup>8</sup> Sobre o conceito de dispositivo da heterossexualidade, trata-se de um desdobramento do conceito de dispositivo de sexualidade apresentado nos três tomos da história da sexualidade de Michel Foucault

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

trans em questão o direito de usar o banheiro feminino sob argumento de que ela não é “mulher”. Sem nem entrar na profundidade filosófica da conhecida máxima de Simone de Beauvoir (2009) de que “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, gostaria de ficar na superfície do problema com uma análise até certo ponto bem-humorada sobre a maneira como a trans acima citada problematizou a diferença entre o ser mulher e o ser feminino, afinal apesar de serem coisas que se encontram sob muitos aspectos, não são literal e objetivamente a mesma coisa. O segurança diz “O banheiro é de mulher”, e a trans responde que mesmo que ele parta do pressuposto de que ela não é mulher – cis ela não é mesmo – ela é feminina, e isso seu próprio fenótipo, vestuário e trejeitos, partindo do pressuposto clássico do que é considerado feminino em nossas sociedades, de fato, eram femininos.

Quantas mulheres não são, segundo os padrões estéticos abusivos nos quais vivemos, opressoras? Quantas trans são mais femininas que mulheres cis? Não me refiro essencialmente a mulheres lésbicas, afinal, dentre estas, apesar de todos os estereótipos de “sapatão caminhoneira”, quantas não são mais “femininas” que muitas mulheres cis heterossexuais? Poderíamos fazer esse tipo de pergunta indefinidamente, mas o ponto, o que está em questão, é quais os critérios e quem os estabelece, a partir do qual é medida a cidadania das mulheres, das pessoas trans em geral.

Afinal, na medida em que o direito de um ser humano fazer xixi é negado dada sua orientação de gênero, estamos falando de cidadania, ou melhor, da falta dela. Se não podemos ir ao banheiro feminino ou masculino cis tradicional, que se faça então – como vem sendo feito na UFRN e agora em outras Universidades do país, mas pioneiramente entre nós desde 2012<sup>9</sup> – o terceiro

---

(2009a; 2009b; 2009c) referenciados ao final. Sobre a aplicação do dispositivo da heterossexualidade aplicada na realidade trans, ver Bento (2014).

<sup>9</sup> Em 2012, uma parceria entre o Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos (Tirésias) da UFRN, na época coordenado pela Professora Berenice Bento, com o Grupo Almodóvar-Kahlo coordenado pela Professora Nara Salles, motivados por uma episódio de

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

banheiro, “unissex” como popularmente chamado, “sem gênero” como nós, acadêmicos e ativistas da questão, preferimos chamar. O fato puro e simples é que não se pode negar a nenhum indivíduo o direito de satisfazer suas necessidades, afinal, necessidades fisiológicas não têm gênero, atingem indiscriminadamente todos os seres humanos.

Caminhando para a conclusão, afirmaríamos que o barraco é o grande paradigma, negativo e positivo ao mesmo tempo, para as trans: negativo como esteriótipo que nos imputaram, positivo como atitude que nós mesmas utilizamos como estratégia de sobrevivência. Faremos barraco, mesmo sem gostar de fazê-los, sempre que precisarmos. É absolutamente absurda a ideia de “quem se altera perde a razão”, porque é quase impossível não se “alterar” quando todos os seus direitos então sendo violados. Colocam-nos diante de um paradoxo insuperável: se não nos “alteramos”, se não fazemos barraco, não conseguimos nada; se o fizermos, “perdemos a razão”, e o que acontece com quem “perde a razão”? Enlouquece, ou seja, essa retórica esteriotipante culmina por estabelecer precedentes perigosos de patologização e criminalização da resistência trans se não lutamos morremos, se lutamos somos taxadas de loucas, barraqueiras, que precisam ser interditadas, silenciadas, tiradas de circulação. Classificadas, taxadas, a partir de critérios machistas, misóginos, LGBTfóbicos que ainda são a regra quando se pensa no mundo trans. Esse saber, esse conhecimento sobre o mundo trans que lhe é absolutamente exterior, não é da esfera da construção coletiva, e sim da imposição arbitrária, acompanhando Foucault: “A ciência das doenças mentais, tal como se desenvolve nos asilos, pertencerá sempre a esfera da observação e da classificação, não será diálogo” (FOUCAULT, 2012, p.482).

---

transfobia contra uma das autoras deste artigo, foi lançado o primeiro banheiro sem gênero da história das universidades brasileiras. A iniciativa se multiplicou pela instituição não de maneira generalizada, mas com muita espontaneidade.

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

Por isso, lançamos a campanha “Stop Patologização das identidades trans”, porque não fomos consultadas sobre nossa suposta condição de doentes, não conversaram conosco sobre isso, apenas nos observaram, bem como nosso cotidiano de “barraqueiras”, e sem diálogo algum, definem-nos como loucas, perturbadas mentais, portadoras de um “transtorno comportamental de gênero”. Daí para a internação compulsória em “campos de cura” é só mais alguns passos, como podemos constatar a partir da gravíssima decisão judicial recente que sancionou terapias de cura gay no Brasil.

Finalizamos com um apelo e uma conclamação: Brasil, mundo, parem de nos matar. Venham, por favor, construir conosco uma luta que não é só nossa como gueto de gênero e sexualidade, é uma luta da humanidade. Nossa luta é todo dia, em cada barraco necessário para sobreviver nesse atroz mundo LGBTfóbico.

### REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Natal: EDUFRN, 2014.

\_\_\_\_\_. Histórico da luta de LGBT no Brasil. **Psicologia e Diversidade Sexual**, São Paulo, n. 11, p. 10-19, 2011.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. **Revista Latinoamericana, Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 3, p.54-81, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

## INTER-LEGERE

---

### A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.v. 1.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade:** o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2009b.v. 2.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade:** o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2009c.v. 3.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em:<<https://goo.gl/yax8xC>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MOIRA, Amara. Orgulho de quê, LGBTs? **Mídia Ninja**, [S.l.], 28 jun. 2017. Disponível em:<<https://goo.gl/cffjsU>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

QUEIROZ, J. Dia 28 de junho – dia do orgulho LGBTI. **Anistia Internacional**, [S.l.], 28 jun. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/tRstKR>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

RODRIGUES, Julian. Direitos humanos e diversidade sexual: uma agenda em construção. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 23-38.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.28, p.19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/tkbVWE>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

SERAFIM, Cássio Eduardo Rodrigues; SILVA, Marluce Pereira. A inserção da travesti no cotidiano social: o uso do banheiro público. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – Gênero e preconceitos, 7., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ufsc, 2006.

## INTER-LEGERE

---

A EPISTEMOLOGIA DO BARRACO:  
UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTI EM GERAL

Leilane Assunção da Silva  
Emilly Mel Fernandes de Souza

SIMÕES, Júlio Assis. Uma visão da trajetória do movimento LGBT no Brasil. In: POCAHY, Fernando. (Org.). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer**. Porto Alegre: Nuances, 2010. p.13-34.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

TERTO, Angela Pires; SOUZA, Pedro Henrique Nascimento. De stonewall à assembleia geral da ONU: reconhecendo os direitos LGBT. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 3, n. 6, p. 120-148, jan. 2015.